

Os anjos de Caio Fernando Abreu

*Prof. M. Valeria Read
Rosario, Argentina
readvaleria@hotmail.com*

Em 2014 tive a sorte de encontrar-me com os anjos de Caio Fernando Abreu na Cidade Maravilhosa.

Cheguei ao Rio de Janeiro com o objetivo de realizar seminários do Doutorado, o tema da minha tese é a obra cronista de Caio.

Durante meus primeiros dias no Rio tentei escutar o rádio, ler jornais e fazer todo o possível para pôr em prática tudo àquilo que havia aprendido de português.

Foi assim, que me chegou uma nota de um documentário, que iria estrear em breve, sobre a vida de Caio. Devo confessar que foi a beleza de Cauã Reymond que me fez ler a nota. E para minha surpresa ele tinha em suas mãos o primeiro livre de Caio que tinha também nas minhas: Morangos Mofados.

Imediatamente devorei a nota do jornal para me inteirar do documentário baseado no livro de Paula Dip, livro maravilhoso que eu tinha comprado assim que saí do avião, também soube do festival de cinema, de Candé Salles e da iminente estreia do filme.

Todos os dias antes de ir a faculdade, a argentina obstinada, enlouquecia os funcionários da bilheteria para saber se já estavam a venda as entradas do filme. A tal ponto que de vez em quando assim que me viam já sinalizavam de dentro da vitrine indicando que ainda não estavam a venda.

Num desses dias o vendedor já me esperava ansioso, pois lá estava a entrada para ver o documentário. Ele explicou-me que para a primeira sessão, na qual Candé e Paula falaria não havia entradas. As lágrimas começaram a brotar lentamente. De todo modo comprei para a próxima sessão e fui cabisbaixa, para meu azar.

O dia tão esperado chegou. Para isso também tinha chegado ao Rio meu companheiro de vida, admirador de Fernando Pessoa, que sem nenhuma objeção e com suma felicidade se prestou a dividir esse momento de alegria comigo.

Quando nos sentamos confortavelmente em nossos assentos, subiu ao palco uma pessoa com um microfone e disse que naquele dia projetariam dois filmes: Para sempre teu Caio F. e uma filme no qual Maria Bethania e uma senhora encantadora recitavam poemas de Fernando Pessoa. Olhei para meu companheiro e nós dois sabíamos de nenhum dos dois se moveria daqueles assentos ao longo da tarde.

Mas a alegria extrema – porque sempre pode ser mais – chegou quando o orador disse que naquele dia iriam Paula Dip e Candé Salles. Eu não sabia se tinha entendido bem e perguntei ao jovem anunciador antes de sua partida e ele me confirmou: Naquela tarde estariam lá Paula Dip e Candé Salles.

Meu coração batia, lá estavam os anjos de Caio, lá estava Caio orquestrando todo esse encontro.

Começa o filme, escuto a voz de Caio pela primeira vez. Chorei. Meu companheiro acariciou minha mão e esse foi o sinal de que eu estava mesmo ali, que tudo isso era verdade.

Durante o intervalo saímos para comprar as entradas para escutar a melodia de Pessoa. Ambos rimos muito com Dona Cleonice, tão exigente, indicando a Bethania como se acentuava e pronunciava a palavra ri-dí-cu-las que são, sem dúvida, todas as cartas de amor.

Acabam os filmes. Sobem ao palco os diretores. Meu coração palpitava cada vez mais forte. Podíamos pegar o microfone. Por sorte minha coragem venceu a vergonha e pude pegá-lo e contar que era da Argentina, que estava lá estudando a obra de Caio, agradeci a Paula pelo livro, agradeci a Candé pela voz de Caio e por minhas lágrimas ao escutá-la.

Quando terminei de falar tentei entregar o microfone para que outra pessoa pudesse falar, mas Candé me perguntou como tinha chegado, como tinha conhecido Caio. Então contei-lhe que

procurando meu objeto de estudo em uma livraria, de uma pilha gigante de livros peguei *Morangos Mofados* e quando li: “Dedicado a Caetano Veloso” soube que deveria estudar esse escritor. O silogismo foi perfeito: Caio gostava de Caetano, eu gosto de Caetano portanto eu gostava – indefectivelmente – de Caio. Nesse momento vi que Candé se emocionara.

Quando todas as perguntas terminaram fui ao palco e nos fundimos em um abraço com Paula e Candé. Senti que os conhecia de toda uma vida e de algum certo modo, sim os conhecia.

Disse que deveria entrevista-los. Paula me disse que com um prazer me daria uma entrevista, mas que no dia seguinte voltaria a São Paulo. E lá estive Caio, sem dúvidas estive Caio, olhei para ela e disse: “Eu também vou amanhã a São Paulo”, viajei com meu companheiro para visitarmos nossa sobrinha que vive lá. Então, alí mesmo ambos me deram seus endereços e telefones e sai de lá como que flutuando.

Diria Caio “tive 19 orgasmos seguidos”. Fui feliz. Não pude dormir por toda a noite. Cheguei ao encontro com Paula. Foi absolutamente maravilhoso. Sua generosidade me subjugou. Disse-me tudo o que eu queria saber. Autografou seu livro para mim. Tiramos uma foto e sai de sua casa como uma nuvem.

De volta ao Rio entrevistei Candé. Ele pediu-me que contasse novamente aquela história de *Morangos Mofados*, Caetano e meu encontro com Caio através da magia da literatura. Quando acabei de contar minha história, senti que ele estava novamente emocionado. Me dá um artigo de uma revista na qual ele conta como chegou a literatura de Caio. Leio. Choro. Candé também chegou a Caio por Caetano, por *Morangos Mofados*. Ele também fez o mesmo silogismo.

Tudo estava dito. O resto da tarde para mim foi um presente. Voltei a ver o filme. Voltei a escutar Caio. Fui feliz.

A magia Caiana não termina aqui, porque voltei a encontrar-me com Paula, com Candé, com Sandra, Amanda, Graça, jornalistas do Zero Hora, mas isso é uma outro conto.

Sempre quis contar essa história. Assim que veio a convocação da revista Jangada senti a necessidade de contá-la. Não sei se emociona aos leitores como a mim, também não sei se a minha relação com Caio é a mesma da de qualquer pesquisador com seu objeto de estudo. Sinto que não. Sinto que conheci esse homem e que de algum modo, junto com minha quinta xícara de café e meu computador tipo máquina de escrever, Caio está aqui hoje.